

Batalhão português instalado no «Hotel Polama» na Matola

Em Maputo existem um Hotel Polana e um «Hotel Polama». O primeiro é frequentado por homens de negócios e turistas estrangeiros, no coração da cidade. O segundo é o acampamento dos soldados portugueses do Batalhão de Transmissões (BT4).

O primeiro é luxuoso símbolo do bem estar em Maputo. O segundo, formado

pela contracção das palavras «pó» e «lama» e fica a 10 quilómetros da capital moçambicana, na Matola, foi segunda-feira passada visitado pelo ministro portu-

guês da Defesa, Fernando Nogueira.

As tropas portuguesas da Onumoz, que chegaram a Moçambique em Abril, transformaram um descampado num aquartelamento militar, que, apesar da sua precariedade, parece fazer a inveja às forças de outros países.

Os primeiros a aproveitar o «Hotel Polama» foram os soldados do pequeno contingente japonês, «clientes» do refeitório para praças, sargentos e oficiais do batalhão. Mas uruguaios e paquistaneses estão também entre os visitantes regulares do acampamento.

O «Largo do Estado de Xoque» assinala o embate da chegada ao local em Abril dos militares portugueses, na saborosa toponímia dos arruamentos recentemente arrelvados que agora separam as tendas e os principais elementos do complexo.

A casa da guarda é o «sítio do deportado», o refeitório é o «Tavares Pobre», o comando «o covil», o bar o «FMT Bar» (faltam meticais, a moeda nacional moçambicana).

Existem a «Rua da Amargura» e a da «Associação de Amizade Miséria Fixa», mas também a «Rua da Estereofonia», numa alusão à zona onde se encontram, as tendas em que dormem o 1.º e 2.º comandantes, o coronel Pinto Castro e o major Block, que alegadamente, ressonam.

O «Palácio das Necessidades» baptiza os execrandos sanitários — uma fossa coberta por um toldo e duas latrinas vedadas — que tem constituído um dos principais problemas da unidade.

Na melhor tradição militar portuguesa, o batalhão tem também já o seu cancionista, em que se misturam canções com letras impossíveis de entoar em dia de visita de ministro com baladas em que se sente a saudade da pátria.

«Lua, lua és tão bela deste lado (...) mas não me fazes sentir mais feliz. E no norte que o meu coração bate, nesse pequeno retângulo na outra parte, é um pequeno jardim à beiramar, esse pequeno rectângulo na outra parte», reza a «saudade (hemisfério sul)», composta numa noite de

luar pelo 1.º sargento José Morgado, a bordo do «Manolis Limassol» que o levou a Moçambique.

Outros temas do cancionário do BT4 evocam a amargura sentida pelos soldados ao terem visto inúmeras crianças que procuram diariamente alimentos no lixo do refeitório da unidade.

Na zona em que se encontra o batalhão vivem actualmente populações deslocadas pela guerra, que terminou com o Acordo Geral de Paz de Outubro de 1992, assinado em Roma pelo Governo e pela Renamo.

Numa tentativa de disciplinar o relacionamento com as crianças, os soldados do BT4 procuram, nas horas vagas, ensinar três dezenas delas a ler e escrever em português.

Os militares portugueses tem aliás dado manifestas provas de estarem adaptadas à situação: são praticamente os únicos militares da Onumoz que todos os dias, depois de saírem do «Polama» vestidos à civil convivem com os moçambicanos.